

A Apresentação

A partir do ano de 2012, a Mouseion Revista Eletrônica do Museu e Arquivo Histórico La Salle passa a ser quadrimestral. Isso faz parte de esforço para tornar a revista mais dinâmica e também, expandir espaço para que pesquisadores de temas afins à Mouseion possam divulgar seus estudos.

Neste número, trazemos o Dossiê organizado pelas professoras Nádia Maria Weber Santos e Lucia Regina Lucas da Rosa, intitulado “História, Memória e Literatura” e artigos diversos.

Segundo Nádia, a ideia para o dossiê partiu da evidência contemporânea da forte relação que há entre as três áreas: história, memória e literatura. Todas se apresentam como narrativas sensíveis de um passado que existiu e não volta mais, ou de um passado que poderia ter acontecido. Muitas vezes, é a discussão sobre a ficção, presente nas narrativas, que aproxima as disciplinas. Em outros momentos, esta mesma percepção as separa. O quesito de verdade, melhor dizendo, a necessidade de buscar a

verdade de um acontecimento pode ser o marco divisor destas águas...

A memória, seja individual ou social, pode estar presente, como um registro na escrita e nos relatos históricos e memoriais. Na vida prática, ela é evocada de inúmeras formas: a partir de cheiros, sons, paladares, pelo olhar de alguma imagem, por sensações vagas, como o *déjà vu*. E por que não pelas palavras? E por que não pelo simples rememorar?

A escrita literária pode evocar memória e expressar sensibilidades, no âmbito da ficção... Memória e sensibilidade andam lado a lado, possibilitando ao historiador chegar mais perto daquilo que sua subjetividade presentiu, no momento da concepção de sua pesquisa.

Nádia continua informando que a Memória, no sentido primeiro do termo, é a evocação do passado, ou é a presença do passado. A História traz o passado à tona. O que a Memória e a História têm em comum é o fato de ambas serem representações narrativas que propõem uma reconstrução do passado.

Halbwachs ressalta que a forma como ambas se relacionam com o tempo é diversa: Memória se refere ao sentimento de continuidade naquele que se lembra, ou seja, a Memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente, retendo do passado somente aquilo que está vivo ou é capaz de viver na consciência de um grupo. Já na História há descontinuidades entre o tempo de quem a lê e os atores sociais: a História fragmenta o tempo.

Para o historiador Le Goff, a História é a forma científica da memória coletiva. E Peter Burke refere que o historiador precisa se ocupar com a Memória sob dois pontos de vista: o primeiro, diz respeito à Memória como fonte histórica, tendo o historiador que fazer uma crítica da reminiscência, nos moldes do tratamento das fontes documentais; o segundo é tratar a Memória como fenômeno histórico, identificando no percurso do tempo as modificações pelas quais passam os processos seletivos das memórias sociais.

Segundo Nádía, o texto literário, por sua vez, faz o historiador deparar-se com *sensibilidades passadas*, considerando-o como um tipo especial de leitor, que se debruça sobre um texto literário e que tem por meta tanto a

narrativa deste passado como a interpretação do mesmo. Desta forma, ele constrói uma versão do passado, daquilo que aconteceu um dia, versão esta plausível e coerente. Sua aproximação da obra literária se faz, contudo, tendo em vista que esta é um tipo especial de fonte: ela não é um mero dado ou documento "formal".

Em outras palavras, a literatura traz a subjetividade e a sensibilidade do passado, daquilo que um dia foi vivido, sentido, percebido de outra forma, ou da forma como poderia ser naquele momento. Ciente de que este novo olhar é apenas uma versão sobre o passado, o historiador tenta apreender o registro das nuances das sensibilidades de uma época, seus valores, conceitos, noções sobre a vida dos homens e suas práticas sociais. E a Literatura, em suas mais variadas formas, também pode ser o registro de memórias que vieram à tona, num lampejo criativo.

Nádía finaliza a apresentação do Dossiê, explicando que Memória, História e Literatura, assim, conversam umas com as outras, nas narrativas, neste balançar dos tempos e das coisas deste mundo, trazendo para a luz aquilo que não pode ficar escondido e nem perdido...

Os demais artigos apresentam discussões sobre temas pertinentes ao campo do patrimônio cultural. Luci Merhy Martins Braga e André Munhoz de Argollo Ferrão, em “*O território marcado por monumentos hidráulicos: um estudo sobre os antigos chafarizes de Jundiá [SP]*”, trazem informações sobre como compreender transformações espaciais do ambiente urbano — construído e ou destruído —, relacionando ações de política patrimonial, ciência e tecnologia. Para tanto, partem do estudo de chafarizes de Jundiá [SP], buscando avaliar o seu desaparecimento e a sua permanência na memória de antigos moradores da cidade.

Em “*Música entre materialidade e imaterialidade: os tons-de-machete do Recôncavo Baiano*”, Tiago de Oliveira Pinto e Nina Graeff tratam da dimensão imaterial da viola machete, instrumento utilizado no samba de roda do Recôncavo Baiano, o qual foi proclamado pela UNESCO em 2005, “*Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade*”. Nesse processo, a viola e sua técnica foram reconhecidas como essenciais para o samba de roda em geral e os grupos musicais passaram a integrá-las em seu repertório, à sua própria maneira.

Através de exemplos musicológicos, o estudo evidencia a vulnerabilidade das práticas musicais e discute possibilidades de se preservá-las.

Paulo Roberto Staudt Moreira, em “*Exílios, eleições e buzinas de chifre: arquivos privados, memória e patrimônio (os acervos Synval Saldanha e Borges de Medeiros – AHRs)*”, reflete sobre acervos privados, a partir do caso dos arquivos de Antônio Augusto Borges de Medeiros e Synval Saldanha, custodiados pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Moreira discute, também, as implicações políticas, as potencialidades e riscos da sua utilização por historiadores e as etapas de constituição e patrimonialização dos mesmos.

Por fim, agradecemos a todos os colaboradores e revisores que nos auxiliaram nesta edição da *Mouseion*.

*Cleusa Maria Gomes Graebin
Nádia Maria Weber Santos*

Capa: arte de Lucas Graeff; imagens de objetos da Coleção “Objetos pessoais de alunos e professores” do acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle - Unilasalle, Canoas, RS.

Pareceristas: Nádia Maria Weber Santos; Mônica Pimenta Velloso; Cleusa Maria Gomes Graebin, José D’Assunção de Barros, Lucas Graeff, Underléa Bruscatto, Ricardo Pacheco, Zilá Bernd, Rejane Penna.